



Género e representações iconográficas

Teresa Alvarez – CEMRI, Universidade Aberta

Introdução

O presente texto centra-se nas imagens sobre o feminino e o masculino dos Recursos Educativos Digitais (RED), em linha, do Portal das Escolas, organizando-se em duas partes: na primeira parte apresentam-se algumas breves reflexões sobre representações sociais de género e comunicação visual educacional; na segunda parte sugerem-se algumas linhas de análise das representações iconográficas do feminino e do masculino naquele tipo de recursos.

Os pontos de partida deste texto são três.

O primeiro diz respeito a considerar-se que os Recursos Educativos Digitais (RED) se inscrevem no domínio da comunicação educacional. Os RED são instrumentos de comunicação porque são portadores de uma intencionalidade educativa inquestionável, independentemente das diferenças que se constatarem ao nível do grau de complexidade dos meios e saberes técnicos e do conhecimento científico que mobilizam. Neste sentido, considera-se importante recordar que, se a perceção e a apreensão sustentam a comunicação, é a cognição que orienta todo o processo de conceção e de utilização de um recurso educativo e é o pensamento que constrói o conhecimento a que o recurso procura conduzir.

O segundo prende-se com a convergência de representações estereotipadas do masculino e do feminino veiculadas por um conjunto diversificado de produtos comunicacionais que interpelam diariamente, e de modo especial, crianças e jovens de ambos os sexos. Este efeito resulta, em boa parte, do poder de interpelação e/ou da visualização regular, ou mesmo sistemática, de produtos comunicacionais como os de cariz educativo (onde se incluem os RED, mas também software, sítios Web, manuais escolares, entre outros), lúdico (como vídeo-jogos, brinquedos e jogos), cultural (música, vídeo-clips, literatura infantil e juvenil) ou publicitário. Estes diferentes produtos, ao convergirem na reprodução de conceções estereotipadas sobre as mulheres e sobre os homens, constituem, pelo efeito do reforço mútuo, um fator estruturante do pensamento individual e do pensamento coletivo.

O terceiro consiste na consciência de que a integração da perspetiva de género e da problemática da igualdade entre os sexos na prática educativa introduz no conjunto de profissionais de educação, em especial em quem concebe, produz, avalia e utiliza recursos educativos, um novo olhar sobre as aprendizagens, incluindo as que se processam através da utilização dos RED. A “didática crítica” defendida por Rafael Valls como meio de consciencialização e de questionamento do “código curricular do docente” afigura-se-nos central neste processo de mudança.

Algumas reflexões...

Nos RED, as representações iconográficas, enquanto facilitadoras de aprendizagens e integradoras de conteúdos de aprendizagem, introduzem a dimensão do concreto apresentando características que procuram estabelecer uma relação direta com conceções e/ou realidades que sejam reconhecidas pelo público a quem se destinam. A necessidade de aproximação do concreto verifica-se tanto mais, quanto mais baixas são as faixas etárias às quais os RED se destinam. Esta intencionalidade visa assegurar a maior convergência possível entre a apreensão das imagens por parte de crianças e jovens a quem se destinam e o que se supõe que lhes é mais familiar ou significativo, ao

nível do seu imaginário ou da sua vivência. São, assim, escolhidos, no momento da concepção e produção das imagens, determinados elementos visuais, em detrimento de outros, em particular quando representam a figura humana.

A seleção e/ou a reprodução de para integrar os RED estão condicionadas pelos significados que atribuímos ao que somos capazes de ver sobre a realidade. É em consonância com essa compreensão do real que se procede à escolha do que parece ser mais adequado aos objetivos definidos para uma imagem, num determinado recurso e para um certo público. Representar a realidade é um ato de seleção ideológica, decorrente do modo como pensamos o mundo e como nos pensamos no mundo. Longe de ser neutra, a imagem é construída e é percebida no quadro de imaginários coletivos situados, configurados por esquemas mentais e modos de pensar que têm enraizadas representações sociais consensualizadas sobre o masculino e o feminino. A comunicação iconográfica constitui, pois, um meio poderoso de transmissão e de perpetuação, subtil e inconsciente, daquilo que o senso comum e o pensamento coletivo incorporaram como paradigmas da feminidade e da masculinidade e, coerentemente com estes, como desejável e expectável sobre os modos de *ser* e de *estar* de homens e de mulheres. Daí que estas representações se apresentem como hegemónicas e desfasadas das realidades sociais em mudança sendo, por isso, redutoras da diversidade humana que marca a realidade dos indivíduos, dos coletivos e das sociedades.

Apesar de se registarem alguns casos pontuais de representações mais diversificadas associadas a mulheres e a homens nos RED em linha, na maior parte destes recursos predominam representações da figura humana que veiculam concepções do feminino e do masculino, simultaneamente, hegemónicas, redutoras e assimétricas quanto ao valor social e simbólico, explícito e implícito, que lhes é conferido. Estas representações proporcionam, junto do seu público destinatário, o reforço de um modo de pensar o mundo e a humanidade que valoriza de forma desigual homens e mulheres, enquanto seres humanos e enquanto sujeitos políticos e sociais, conferindo a tudo o que diz respeito a uns e a outras (sobre o *ser*, o *fazer*, o *agir*, o *estar*) um estatuto e um reconhecimento igualmente desiguais.

Quer isto dizer que, do ponto de vista simbólico, o eixo que estrutura e configura as representações iconográficas presentes nos RED, tais como as de outros recursos educativos, continua a ser a assimetria de poder e de reconhecimento das esferas pública e privada da vida humana. A primeira continua a ser predominantemente associada ao sexo masculino e a segunda permanece sistematicamente vinculada ao sexo feminino. Simultaneamente, a super-representação do protagonismo masculino e a sobrevalorização dos espaços e contextos associados aos homens e rapazes e dos respetivos atos e objetos de ação contrasta com a sub-representação do protagonismo feminino e a desvalorização dos espaços e contextos associados às mulheres e dos respetivos atos e objetos de ação.

... para possíveis linhas de análise

A intervenção sobre os conteúdos iconográficos dos RED visando uma mudança na sua concepção quanto ao modo como estes representam o masculino e o feminino, passa por ter em conta três questões:

1. Que tipo de conhecimento é selecionado para ser veiculado, abordado, clarificado ou explorado através da representação do feminino e do masculino? E, do mesmo modo, que tipo de conhecimento se pretende venha a ser construído com o recurso a imagens femininas e a imagens masculinas?

Esta primeira questão implica ter em atenção o equilíbrio e a diversidade das figuras femininas e masculinas quanto:

- a) Aos conteúdos de aprendizagem que passam pela recurso à imagem;
- b) Às facetas da realidade humana e social que se *dizem* e se *silenciam* nas imagens utilizadas;

- c) Ao grau de complexidade do conteúdo das imagens selecionadas;
- d) Ao modo como se constata a sua contextualização e a sua articulação com os outros conteúdos do RED.

2. Como são apreendidas as imagens figurativas, em especial as que se reportam aos seres humanos?

Para esta questão importa ter em atenção:

- a) Os elementos constitutivos das representações iconográficas (cor, traço, forma, luz);
- b) O enquadramento visual das figuras humanas (o que se destaca e o que se secundariza);
- c) A posição da imagem, e o espaço que ocupa, na superfície visual onde ela surge.

3. Qual a intencionalidade educativa que está subjacente às escolhas relativas aos pontos anteriores? Qual o papel efetivo das imagens femininas e masculinas que integram no RED, nomeadamente para os objetivos que o orientam?

Sabemos que a diversidade dos RED e as suas diferenças quanto às aprendizagens que mobilizam se refletem no grau de complexidade das representações iconográficas que apresentam e na função que lhes é atribuída. Ainda que nem todos estes aspetos sejam igualmente pertinentes para todos os RED em linha, parece-nos importante que estejam presentes na sua análise e avaliação se consideramos indispensável que um RED, que integra imagens figurativas, seja promotor da igualdade entre os sexos, através da representação equilibrada do masculino e do feminino, de mulheres/raparigas e de homens/rapazes.

Para esse equilíbrio concorrem duas dimensões distintas mas indissociáveis: a presença e a diversidade da representação do masculino e do feminino.

1. Presença:

A importância desta dimensão prende-se com o facto de, no âmbito do [áudio]visual e do multimédia, o que não se *mostra*, não se vê e o que não se vê não *existe*.

Para além da presença, equilibrada ou não, do feminino e do masculino ou, mesmo, da ausência de um deles, importa ter em atenção o carácter excecional/pontual das imagens femininas e masculinas em cada contexto, a sua regularidade e a sua distribuição em cada RED. A análise destes aspetos pode ser orientada pelas seguintes questões:

- a) Quando a presença de figuras humanas é pontual, ela abrange ambos os sexos ou faz emergir apenas um deles?

A representação pontual nem sempre é irrelevante pois o carácter excecional da visualização de uma imagem pode torná-la significativa. Esta situação é especialmente importante quando ocorre na apresentação inicial de um RED que não integra depois qualquer outra representação humana.

- b) Quando a presença de figuras humanas, ou humanizadas, é frequente ela surge associada, de forma equilibrada, ao feminino e ao masculino?

As repetidas visualizações de figuras e/ou elementos masculinos, intercalados apenas esporadicamente por visualizações de figuras e/ou elementos femininos, induzem a uma desigualdade implícita entre os sexos através da atribuição do valor de *norma* às primeiras e do valor de exceção às segundas. Estas associações à norma e à exceção são percecionadas como representativas da humanidade, com repercussões inquestionáveis na desigual identificação de raparigas e de rapazes com o que se representa como sendo próprio do ser humano.

- c) As representações de homens e de mulheres distribuem-se igualmente pelos diferentes conteúdos do RED?

Este aspeto prende-se com o tipo de dimensões, ações, vertentes e contextos dos seres humanos e da vida social que surgem associadas às imagens de mulheres e de homens e, através delas, à realidade concreta efetiva ou potencial de umas e de outros.

Sabemos que não basta a presença equilibrada dos dois sexos para que um RED possa ser considerado promotor de conceções igualitárias de mulheres e de homens enquanto sujeitos sociais e políticos.

O equilíbrio da presença pode ser, ou não, acompanhado por uma representação assimétrica do masculino e do feminino, através do modo como ambos surgem apresentados. “A presença do sexo masculino e do sexo feminino é independente da estereotipia que pode, ou não, marcar essa mesma presença” (NUNES, 2007: 16).

Daí a importância da segunda dimensão.

2. Diversidade

Esta dimensão traduz-se na representação visual não hegemónica da feminidade e da masculinidade, o que pressupõe a diversidade de características (físicas, psicológicas), capacidades (cognitivas, relacionais, sociais), comportamentos (individuais e coletivos), bem como de ações, de contextos e de funções associadas a figuras femininas e a figuras masculinas. A ausência de estereotipia constata-se na diversidade e confirma-se pela associação indiferenciada dos traços humanos, das ações e dos contextos de atuação humana, quer a raparigas/mulheres, quer a rapazes/homens.

No caso dos RED em linha no Portal das Escolas é especialmente relevante ter em conta:

- a) O protagonismo feminino e masculino, individual e coletivo.
- b) O papel que desempenham as figuras femininas e masculinas: estão meramente presentes; ilustram; representam/simbolizam conhecimentos, saberes, funções, contextos; observam ou presenciam situações ou atos protagonizados ou que envolvem outras personagens; agem, fazem, atuam, interpelam, demonstram, clarificam.
- c) O corpo das figuras femininas e das figuras masculinas nessas diferentes situações: as características físicas e o tipo de corpo; a postura e os gestos; o posicionamento face a quem visualiza a imagem; a aparência que resulta do cuidado conferido ao corpo, do vestuário e dos acessórios; o tipo de ações e interações a que nos induzem os objetos e outros elementos visuais que gravitam à sua volta.
- d) A caracterização social e psicológica das figuras femininas e das figuras masculinas congruente com as competências necessárias, quer à esfera pública, quer à esfera privada: representação de situações que revelam competências individuais e sociais como a liderança, a autonomia, a instrumentalidade e o cuidado de si e do outro/a.
- e) A associação a figuras humanas de objetos e de formas com uma conotação simbólica exclusiva com o masculino ou o feminino ou, pelo contrário, que não induzem a uma conotação específica com nenhum dos sexos.

Em conclusão, a integração da dimensão de género nos RED e, portanto, de uma igual valorização social de mulheres e de homens passa pelo equilíbrio da visibilidade dada a umas e a outros, bem como da diversidade das representações iconográficas femininas e masculinas e dos modelos de pessoa que elas encerram.

Referências Bibliográficas

CONSELHO DA EUROPA (2007), Recomendação Rec (2007) 13 do Comité de Ministros aos Estados-Membros sobre a integração da perspectiva da Igualdade de Género na Educação.

ESCOFET ROIG, Anna, HERRERO GARCÍA, Olga, RUBIO HURTADO, M. José (2002), "Multimedia educativo y género", in *Virtual Educa. La escuela del siglo XXI: modelos de aprendizaje con Internet. La formación del profesorado. El profesor como fuente de recursos*. Instituto de Ciencias de la Educación, Universidad de Barcelona [em linha], disponível em <http://www.virtualeduca.info/encuentros/encuentros/valencia2002/actas2002/actas02/242.pdf>, [consultado em Fevereiro de 2009].

FÓRUM DE EDUCAÇÃO PARA ACIDADANIA (2008), *Objectivos Estratégicos e Recomendações para um Plano de Acção de Educação e de Formação para a Cidadania*, Ministério da Educação e Presidência do Conselho de Ministros, [em linha], disponível em <http://sitio.dgicd.min-edu.pt/cidadania/Documents/FECidadaniaSP.pdf>, [consultado em Julho 2011].

NUNES, Maria Teresa Alvarez (2009), *O feminino e o masculino nos materiais pedagógicos*. (in) *Visibilidades e (des)equilíbrios*, CIG, Lisboa.

RAMOS, José Luís (2009), "Avaliação e Qualidade de Recursos Educativos Digitais" in AAVV, *Recursos Educativos Digitais de Qualidade ao Serviço das Escolas*, Lisboa, DGIDC/M, pp. 11-17 [em linha], disponível em http://www.crie.min-edu.pt/files/@crie/1262962176_CadernosSACAUSEF_V_JLR_pag11a17_PT.pdf, [consultado em Setembro de 2011].

SILVA, Maria João Duarte, (2006), "A igualdade, a não discriminação e a percepção da dimensão de género: problemas e perspectivas no domínio das Tecnologias da Informação e da Comunicação na Educação" in AAVV, *Avaliação de Locais Virtuais de Conteúdo Educativo*, Lisboa, DGIDC/ME, pp. 17-23, [em linha], disponível em http://www.crie.min-edu.pt/files/@crie/1210161299_02_Cadernoll_p_17_23_MJDS.pdf, [consultado em Julho de 2011].

SILVA, Maria João Duarte e FERREIRA, Eduarda (2008), "Promoção da igualdade de género em recursos educativos informatizados: reflexão sobre alguns exemplos" in AAVV, *A Dimensão de Género nos Produtos Educativos Multimédia*, Lisboa, DGIDC/ME, pp. 61-68 [em linha], disponível em http://www.crie.min-edu.pt/files/@crie/1220024619_06_SACAUSEF_III_60a67.pdf, [consultado em Setembro de 2011].

VALLS, Rafael (2001), "La Historia en sus manuales: entre textos y contextos", *Revista O Estudo da História*, n.º 4, pp. 273-286.

